

ADÃO E EVA

Peça em 3 actos de JAIME CORTESÃO. Editada pela «Seara Nova» em 1921.

Representada pela primeira vez no Teatro do Ginásio em 21 de Maio de 1921, numa encenação de Araújo Pereira.

[...]

Ação em Lisboa, na actualidade. Duas cenas: sala de estar (1.º e 2º actos), cela de uma prisão (3º acto).

Marcos, revolucionário idealista, procurado pela polícia, ama Suzana, filha de um negociante que enriqueceu em especulações durante a guerra e irmã de Justino, oficial do Exército, ao lado de quem se bateu na Flandres. O pai opõe-se ao casamento por discordar das ideias de Marcos, que vê nele o símbolo de uma classe que vive da exploração dos humildes. Entretanto, nos bairros miseráveis, onde a violência da exploração mais se faz sentir, estala a revolta. Marcos junta-se aos sublevados, e o combate coloca-o frente a frente com Justino, que comanda as forças da ordem. Foge, mas Justino é atingido por um tiro que o deixa às portas da morte. Marcos, acabrunhado pela onda de violência que a ninguém poupa e pela libertação dos instintos de vingança da multidão enfurecida, procura refúgio junto de Suzana mas recusa indignamente um lugar na fábrica do pai que este lhe oferece, com o intuito de «domesticar» os operários. A recusa de Marcos, que responsabiliza o pai de Suzana por atear o incêndio que consome a cidade «com o fogo da sua cobiça», impele este a denunciá-lo às autoridades, mas Marcos antecipa-se e entrega-se à prisão. Justino, moribundo, condena a atitude do pai e admite que defendeu uma causa injusta, em que nem sequer acreditava, enquanto Marcos, na cela da prisão, recebe a visita de Suzana e a seu lado afirma a fé no novo dia que amanhece para o mundo.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 139.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.